CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O KINO: HISTÓRIA(S) DO CINEMA ALEMÃO
15 de fevereiro de 2023

66 KINOS / 2016
(*66 Cinemas*)

Um filme de Philipp Hartmann

Argumento, Realização, Direção de Fotografia, Montagem e *Produção*: Philipp Hartmann / *Produção Executiva*: Frank Scheuffele / *Música*: Johannes Kirschbaum / *Participações*: Alfred Meyer, Inka Gürtler, Ulrike Krum, Benedikt Petschl, Sandra Blass, Uwe Bauer, Silke Buchholz, Stephan Machac, Carsten Knoop, etc. / *Cópia*: DCP, a cores, falado em alemão e com legendas em português / *Duração:* 98 minutos / *Estreia Mundial*: 27 de outubro de 2016, Festival de Cinema de Viena, Áustria / *Estreia Nacional*: 17 de maio, Porto/Post/Doc / *Estreia Comercial*: 3 de dezembro, videoclube da Zero em Comportamento / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Philipp Hartmann.

***

Agora que salas de cinema como as que Philipp Hartmann documenta, neste périplo pela Alemanha motivado pela exibição pública do seu filme **Die Zeit vergeht wie ein brüllender Löwe/Time Goes by Like a Roaring Lion** (2013), se encontram na iminência de se tornarem uma realidade do passado, suspiramos pelos lugares onde formámos a nossa cinefilia. E ficamos com a sensação de que os demos por adquiridos. Com a revolução digital, que aqui é justamente comparada à transição mudo-sonoro, ainda que venha só aparentemente facilitar a vida a estes operadores de salas de cinema, na realidade, muita coisa mudou nos nossos comportamentos enquanto espectadores e uma delas – a mais decisiva segundo Hartmann ou aquela que o seu olhar testemunha nesta viagem – é a experiência do cinema em sala.

Claro que quando os homens e as mulheres que ainda resistem neste dificílimo quadro económico falam de cinema, não se estão a referir aos super-*blockbusters* e às transmissões de ópera no grande ecrã, porque mostrar cinema significa, para eles, estabelecer alguma forma de relação com o mundo, com o nosso passado e com a nossa memória. Os multiplexes – todos iguais como as famílias felizes – são os antros deste novo modelo em que o cinema passa de ser visto e vivido, numa experiência devidamente enquadrada por um lugar qualquer, para se converter num ato de consumo, num espaço indistinto e asséptico (apesar do cheiro das pipocas), que pode nem sequer se realizar propriamente num lugar físico, permanecendo suspenso no éter ou na nuvem digital. Hartmann dá-nos a descobrir, entre os atos de resistência, casos extremos, como uma abadia antiquíssima reconvertida num cinema muito pequeno e informal ou ainda, qual Frankenstein dos tempos confusos em que todos vivemos, multiplexes geridos por quem, *apesar de tudo*, gosta de cinema e que, por isso, decidiu exibir os filmes pequenos e pessoais, como os deste realizador, e promover discussões a seguir às sessões, como um cineclube semiclandestino envolvido por tudo aquilo que tem participado da destruição dessa mesma conceção de cinema. Há um momento hilariante

em que Hartmann, ao entrevistar a operadora de um desses espaços, partilha com ela – e connosco, espectadores – a dificuldade de escolher um fundo apropriado à conversa, porque tudo ali nos remete para o universo das pipocas e dos filmes de super-heróis. Além disso, há um senhor cujos olhos brilham quando fala da sua tarefa favorita: programar o mês de atividades do seu cinema, o que não inclui somente filmes, mas também concertos e espetáculos de variedades. O leque de títulos é ele mesmo propositadamente muito variado, indo de filmes de escola a reposições de filmes de super-heróis em 3D. É como pintar um quadro, mês a mês, acrescenta. Esta "curadoria monstruosa" garante a sobrevivência deste como de tantos outros cinemas.

Um dos relatos mais significativos a este nível é a história de um rapaz que trabalha no cinema onde se formou como cinéfilo, conhecido por exibições de filmes *underground* e por ali ser então permitido fumar charros, o mesmo cinema onde se fazem hoje ligações em direto a espetáculos de ópera. Suspira e diz: "se calhar devia ter nascido 30 anos antes". Sente-se no rosto desalentado de muitas destas pessoas um certo "desfasamento" entre o que é o mundo que os formou e todas as transformações inescapáveis que representam a sua ruína. E, claro, estas profundas alterações advêm de uma nova realidade económica e tecnológica. Alguns destes cinemas não realizaram ainda a transição digital, mas ninguém deixa de olhar para os projetores de 35mm como artefactos de um tempo ido, peças de museu, entre a relíquia sentimental e a velharia que só estorva, servindo apenas para nos lembrar de que somos todos seres desfasados e de que quem verdadeiramente ama o cinema – essa arte que chega sempre tarde, como dizia Godard – não pertence, nem nunca pertencerá bem, a esta era da desmaterialização dos suportes e de hiper-banalização das imagens. Hartmann documenta – e remapeia – lugares de resistência – ou de sobrevivência – mas fá-lo sem nostalgia, ciente de que estes são tempos de transição e de que a mudança não é favorável a esta espécie em vias de extinção chamada "cinéfilos". É como Eugène Atget e a velha Paris (a galeria final de fotografias vivas remete-me fortemente para o universo do célebre fotógrafo francês): somos como fantasmas olhados de fora por um tempo em fuga que, imisericordioso, nos *espectraliza* a todos.

Luís Mendonça